

APRESENTAÇÃO

Ana Cecília Oliveira Campos¹

O Dossiê *Conversas com Audre Lorde* se propõe a colocar em diálogo o pensamento da autora, especialmente no texto “Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo” (Lorde, 2019 [1984]), com reflexões e experiências de jovens graduandas. Esse arranjo surgiu do desejo de que uma seleção para bolsista de extensão não se restringisse à análise curricular. A proposta, uma parceria entre o Laboratório de Experimentações Etnográficas (LE-E/ UFSCar) e o Imuê - Instituto Mulheres e Economia, indicou que as candidatas escrevessem uma breve reflexão a partir da potência que a raiva carrega (Lorde, 2019 [1984]). As reflexões que recebemos tratavam, sobretudo, de percepções de mulheres sobre as suas próprias raivas e sobre o universo acadêmico. Os textos indicavam que havia uma contribuição importante para pensar o lugar que certos corpos ocupam no ambiente acadêmico e a maneira como as autoras enxergam a possibilidade de estabelecer e ampliar alianças entre mulheres.

No momento seguinte, trabalhamos intensamente para expandir as discussões que se apresentavam de maneira incipiente na versão inicial dos escritos. Acompanhar esse processo foi algo especialmente belo pela identificação da escrita e da academia como ferramentas reflexivas potentes. Por vezes, a temática trouxe para nossas reuniões as memórias de experiências viscerais que nos compõem, as lutas de nossas ancestrais, os diversos lutos, lágrimas e sorrisos sinceros. Foi isso que Audre Lorde instigou nas autoras, uma escrita em que a academia, a poética e a vida se alimentam mutuamente. Fazer uma conversa com Audre Lorde, nesse sentido, chama para o texto as vozes de muitas mulheres, mães, avós, professoras, autoras e poetas. Assim, o Dossiê reúne escritos experimentais em diálogos alimentados por muitas vozes.

A introdução de Izabel Accioly e Tamires Cristina do Santos localiza a obra de Audre Lorde no Brasil e apresenta um breve resumo de questões colocadas em textos célebres da autora. A composição continua com uma resenha de “Os usos da raiva: As mulheres reagem ao racismo”, preparada por Fernanda Mariano a fim de familiarizar as leitoras com noções do texto e pensar as contribuições de Lorde para a temática da interseccionalidade. Seguem-se, depois, os diálogos. Eles tratam da raiva em diferentes dimensões: como uma ferramenta de luta e de sua potência na construção de alianças, para Bianca Moniche; enquanto uma língua

¹ Doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS/UFSCar). E-mail: a.cecilia.oc@gmail.com

de resistência, propõe Carla Agnes; auto-cura, sugere Sabrina Xavier; uma reação às violências do Estado enfrentadas por tantas mulheres, indica Gabriela Nunes, cuja escrita é fortemente influenciada por Carolina Maria de Jesus; uma potência para alimentar um feminismo que se proponha anti-racista, reflete Larissa Moreira; um alimento para a poética que entrelaça a crítica a uma sociedade racista, homofóbica e classista, apresenta Ingrid Cerantola.

Para cada uma dessas jovens graduandas, ler Audre Lorde — algumas pela primeira vez — mobilizou raivas ao mesmo tempo particulares e comuns a todas nós. Lorde (2019 [1984]) evidencia que certos sujeitos coletivos não são dados de antemão, são composições instáveis que se constituem contextualmente. “Nós” não tem sentido autoevidente, formula-se a cada nova aliança. Ter a lembrança que nós, as mulheres negras, deslocamos nossos medos e seguimos com as lutas das que nos antecederam é um alento. Não estamos sozinhas. Identificar que nós, as mulheres, podemos construir alianças entre as diferenças que nos integram nos permite olhar com potência para a raiva que emerge de nossas relações. Por fim, para nós pessoas LGBTQIA+, conhecer a história e a produção das que vieram antes nos permite imaginar futuros possíveis e sonhar com tempos generosos para as gerações seguintes.

Assim, os textos aqui apresentados produzem conexões entre tempos e experiências distintas. Embora os escritos partam de diferentes vivências, eles indicam proximidades insuspeitas. Como na produção de Lorde, as autoras evidenciam a poética e a política de nossos corpos, de nossos desejos e de nossa escrita. A escrita, negada às mulheres negras por tantas gerações, aparece como uma estratégia para sobreviver, (re)conhecer-se e significar experiências tão viscerais para além da lógica individual ou da culpa pessoal. Desejamos que Audre Lorde, assim como outras autoras negras, sejam cada vez mais frequentes em bibliografias de cursos e inspirem a escrita e a política das que desejam vislumbrar e construir coletivamente. Neste sentido, localizamos a importância desta publicação na Florestan, uma revista de graduação.

Esses ensaios não assumem caráter de análise afastada que com frequência acompanha produções científicas, também não conformam novos argumentos para a discussão dos estudos de gênero e de questões raciais. Ainda assim, publicá-los em uma revista acadêmica não é fortuito. As conexões que as autoras propõem evidenciam bem a relação entre vida e academia, tanto evocada por Audre Lorde. Essa não é uma relação que se restringe às mulheres negras. Pensar na complementaridade entre vida e a produção acadêmica, revela como essa relação não se reduz às mulheres. De fato, é exatamente a conexão entre vida e

academia que sustenta a prevalência de homens brancos entre os docentes de universidades. Os privilégios que garantem a ciência como um lugar propriamente masculinista e branco evidenciam como alguns se beneficiam desse imbricamento. Assim, os textos deste dossiê não pretendem encaixar-se naquilo que é esperado de uma publicação acadêmica e há potência no inesperado. Inspiradas em Audre Lorde, esperamos que esse formato instigue repensar o que conta como acadêmico.

É preciso dizer que a construção desse Dossiê foi um processo de muitas mãos. Agradeço à Adla Viana pela parceria na organização, às autoras pela insistência em seus textos, a Izabel Accioly e Tamires Cristina do Santos pela introdução e pelas discussões sensíveis; ao Instituto Mulheres e Economia (imuê) e ao Laboratório de Experimentações Etnográficas (LE-E), especialmente a Maíra Vale e Catarina Morawska, por se proporem a colaborações alimentadas por diferenças.